

ISLÃO, POLÍTICA, EDUCAÇÃO E MODERNIDADE

ISLAM, POLÍTICA, EDUCACIÓN Y MODERNIDAD

ISLAM, POLITICS, EDUCATION, AND MODERNITY

İl'dar Safiulovich MAVLYAUTDINOV¹
Svetlana Yurievna GLUSHKOVA²

RESUMO: A educação islâmica consiste em um conjunto de conceitos e princípios relativos à natureza humana, credo, intelecto e atitude, juntamente com valores espirituais e físicos, todos entrelaçados em uma estrutura perceptual unificada e confiando, totalmente, em seus fundamentos e morais no Alcorão Sagrado. O Islã explorado com sucesso é arrastado para um confronto do qual está destinado a emergir profundamente reformado - repensado ou lentamente afundado no esquecimento da história. O radicalismo islâmico provocado pode gerar e organizar na Europa dezenas ou centenas de terroristas insanos. É importante mostrar que o Islã, como religião pública nas relações internacionais e nas doutrinas educacionais, pode ser uma ferramenta poderosa de conhecimento e uma arma perigosa. Ao delegar uma bênção divina a uma pessoa, o Islã aos olhos de um crente é a única e inegavelmente verdadeira medida de suas ações, o que determina a tentação de usar o Islã para fins educacionais, dando origem, por sua vez, ao fenômeno do Islã político. O “Islã radical” sempre estará em demanda onde for necessário o estabelecimento de uma “ordem islâmica”, que é identificada pelos muçulmanos com doutrinas educacionais, justiça social, igualdade de todos perante a lei e igualdade nacional. O perigo de politizar o Islã é que aqui ele segue as regras do Ocidente e está sob seu controle. E, como resultado - sem perceber, apenas fazendo o trabalho sujo.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Educação islâmica. Política. Justiça social. Doutrinas islâmicas.

RESUMEN: *La educación islámica consiste en un conjunto de conceptos y principios relacionados con la naturaleza humana, el credo, el intelecto y la actitud, junto con los valores espirituales y físicos, todos entrelazados en un marco de percepción unificado y que se basan, por completo, en sus fundamentos y principios morales en el Sagrado Corán. El Islam explotado con éxito se ve arrastrado a una confrontación de la que está destinado a salir profundamente reformado, repensado o hundido lentamente en el olvido de la historia. El radicalismo islámico provocado puede generar y organizar en Europa decenas o cientos de terroristas locos. Es importante mostrar que el Islam, como religión pública en las relaciones internacionales y en las doctrinas educativas, puede ser tanto una poderosa herramienta de conocimiento como un arma peligrosa. Al delegar una bendición divina a una persona, el Islam*

¹ Universidade Federal de Kazan, Kazan – Rússia. Doutor em sociologia, professor associado do Instituto de Relações Internacionais, Departamento de Estudos Altaicos e Sinologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7859-6973>. E-mail: ildarmav@yandex.ru

² Universidade Federal de Kazan, Kazan – Rússia. Doutora em filologia, professora associada, do Instituto de Relações Internacionais, Departamento de Estudos Altaicos e Sinologia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5187-3632>. E-mail: vetaelina@gmail.com

a los ojos de un creyente es la única e innegable medida verdadera de sus acciones, lo que determina la tentación de utilizar el Islam con fines educativos, dando lugar, a su vez, al fenómeno del Islam político. El “Islam radical” siempre estará en demanda cuando se requiera el establecimiento de un “orden islámico”, que los musulmanes identifican con las doctrinas educativas, la justicia social, la igualdad de todos ante la ley y la igualdad nacional. El peligro de politizar el Islam es que aquí juega con las reglas de Occidente y bajo su control. Y como resultado, sin darme cuenta, simplemente haciendo el trabajo sucio.

PALABRAS CLAVE: *Religión. Educación islámica. Política. Justicia social. Doctrinas islámicas.*

ABSTRACT: *Islamic education consist of a set of concepts and tenets pertaining to human nature, creed, intellect, and attitude, along with spiritual and physical values, all entwined in unified perceptual framework and relying, wholly, in its fundamentals and morals on the Holy Quran. Successfully exploited Islam is drawn into a confrontation from which it is destined to emerge deeply reformed – rethought, or slowly sink into the oblivion of history. Provoked Islamic radicalism can generate and arrange in Europe tens or hundreds of insane terrorists. It is important to show that Islam, as a public religion in international relations and in educational doctrines, can be both a powerful knowledge tool and a dangerous weapon. By delegating a divine blessing to a person, Islam in the eyes of a believer is the only and undeniably true measure of his actions, which determines the temptation to use Islam for educational purposes, giving rise, in turn, to the phenomenon of political Islam. “Radical Islam” will always be in demand where the establishment of an “Islamic order” is required, which is identified by Muslims with educational doctrines, social justice, the equality of all before the law and national equality. The danger of politicizing Islam is that here it plays by the rules of the West and under its control. And as a result – without realizing it, just doing the dirty work.*

KEYWORDS: *Religion. Islamic education. Politics. Social justice. Islamic doctrines.*

Introdução

A tradição do Islã, prevalecente no presente, oferece um conceito abrangente de vida pública. Não apresenta objetivos políticos explícitos; os políticos geralmente se recusam a reconhecer sua natureza autônoma. O Islã suprime autonomamente a política e não aceita divergências entre governantes e governados, além disso, não aceita a presença de diferenças e divergências econômicas e ideológicas na comunidade. De acordo com a tradição islâmica, basta ser um muçulmano legítimo para superar essas divergências. O Islã forma um poderoso discurso ideológico que provoca um desejo de sociedade, que seria ao mesmo tempo igualitária e justa, homogênea e unida (ARKOUN, 1986). Segundo a expressão de um famoso antropólogo e sociólogo francês Louis Dumont, esse discurso constrói ideias coletivistas concebidas de acordo com as regras da “lógica holística” (DUMONT, 1983).

É impossível propor um modelo político preparado, capaz de abrir caminho ao modernismo para uma comunidade muçulmana, por inferências teóricas. Este modelo não existe à parte de seu destino histórico. Um modelo como esse só pode ser formado por meio de um processo histórico, resultado de uma **mudança** gradual do islamismo por força das realidades sociais (ADDI, 1992). Na opinião de Elie Kedourie, não houve nenhuma transformação devido ao fato de que a política do Islã está em uma dimensão mística (ELLE, 1983).

Para entender não apenas como lidar com os desafios da modernidade, mas como agir diante das mudanças sociais e das possíveis adaptações necessárias para se manter relevante, é importante que haja uma análise dos métodos pelos quais o Islã pode ser ensinado e repassado por meio da compreensão do mundo globalizado e dos novos fluxos de informações e culturas que se fazem presentes, principalmente no intenso trânsito internacional que se vive hoje. A possibilidade de mostrar o Islã e sua relevância pode ser ampliada através de uma análise adequada de como se pode usar as experiências que estão sendo vividas atualmente, para construir um sistema de educação islâmico baseado nos desafios da modernidade, criando pontes entre a geração mais velha e os mais jovens.

Métodos

A metodologia escolhida pelo autor para sua pesquisa inclui uma análise comparativa, que envolve a identificação dos problemas mais significativos em cada um dos aspectos estudados do tema e a compreensão desse processo, considerando as visões e abordagens de pesquisadores renomados, para depois compará-los para características comuns e diferenças. O recurso principalmente a métodos qualitativos, no entanto, implica uma abordagem dinâmica da descrição do assunto.

Resultados e discussão

Além disso, sendo uma religião pública, o Islã domina em uma cultura política da comunidade muçulmana, cuja legitimidade é definida por métodos religiosos. Como já foi dito, a política no Islã não é autônoma, e um espaço político não é diferenciado em relação à esfera da religião. Os sociólogos ocidentais veem uma saída para esse estado ao estabelecer um sistema de lei secular.

No entanto, a maioria dos sociólogos ocidentais subestima a consideração do Islã político exclusivamente da perspectiva de suas tradições, ou ignora completamente a extrema flexibilidade do Islã e sua potencial abertura à inovação.

Ao apresentar o islamismo problemático, eles deixam um mundo multimilionário de islamismo moderado, o jadidismo, nas sombras. O jadidismo é um movimento sociopolítico e intelectual, que se desenvolveu no século XIX. Isso não apenas prova a capacidade do Islã de se integrar com sucesso em um sistema político e cultural moderno (ocidental), mas também o muda ativamente, adicionando seus próprios corretivos e valores. Alguns dos mais famosos representantes da elite intelectual muçulmana, buscando a renovação do Islã foram: o teólogo afegão Jamal al-Din al-Afghani (1839-1897), o mufti egípcio Muhammad Abduh (1849-1905), o poeta e pensador indiano Muhammad Iqbal (1877-1938), os teólogos tártaros Abdul-Nasyri Kursavi (1771-1812) e Shihabuddin Marjani (1818-1889).

Jadids afirmou que é preciso escrutinar a história muçulmana, que o Islã obriga os muçulmanos a buscar os princípios da estrutura social, que são mais adequados para cada um dos períodos históricos. Tendo declarado que os muçulmanos se afastaram do Alcorão, substituíram o espírito do Livro Sagrado por tradições remanescentes da Idade Média, os jadides proclamaram a liberdade de pensamento e a abertura da cultura como a categoria central. Eles consideravam a jihad como zelo, a luta contra a incredulidade dentro de si mesmos e a educação como um atributo indispensável de um verdadeiro muçulmano; eles declararam igualdade entre um homem e uma mulher, uma atitude tolerante em relação a um estado laico e outras religiões (ISHMUKHAMETOV, 1979; EREMEEV, 1991; SCHAMILOGLU, 1991).

Politicamente, os jadides estavam próximos das ideias constitucionais europeias e do parlamentarismo, cujas ideias, segundo eles, estão subjacentes à shura, que é uma tomada de decisão coletiva prescrita pelo Alcorão e pela Sunnah.

Assim, há opiniões irreconciliáveis e diametralmente opostas sobre as causas internas do declínio da civilização muçulmana. Do ponto de vista dos fundamentalistas, os fracassos e deficiências dos países islâmicos modernos são causados pelo fato de terem adotado conceitos e costumes estranhos, separados do verdadeiro Islã. Modernistas e reformadores, ao contrário, veem a razão dessa perda não no desvio dos costumes anteriores, mas na sua preservação e, principalmente, na inflexibilidade e enorme influência do clero islâmico responsável pela vitalidade de crenças e costumes que poderiam ser criativos e progressistas há mil anos, mas ainda não são progressistas hoje (LEWIS, 2003). Os modernistas não condenam a religiosidade da sociedade e do Islã, mas o fanatismo. Bernard Lewis cita dois representantes proeminentes desses polos: o Irã e a revolução iraniana e a democracia secular encarnada na República da

Turquia. De acordo com um dos principais estudiosos ocidentais do Islã, a continuação do caminho do fundamentalismo levará a civilização muçulmana ao desastre. As palavras de Lewis sobre os povos do Oriente Médio também são verdadeiras para todo o mundo muçulmano:

Se os povos do Oriente Médio continuarem em seu caminho atual, o homem-bomba pode se tornar uma metáfora para toda a região, e não haverá como escapar de uma espiral descendente de ódio e rancor, raiva e autopiedade, [e] pobreza e opressão. Se os povos do Oriente Médio puderem abandonar a hostilidade e o sacrifício, resolver as diferenças, unir seus talentos, energias e recursos em um processo comum de criação, poderão, mais uma vez, fazer do Oriente Médio um dos principais centros de civilização. Por enquanto eles podem fazer uma escolha por conta própria (LEWIS, 2003, tradução nossa).

No mundo moderno, a percepção da necessidade de tal reforma do Islã, especialmente no contexto do desenvolvimento econômico, ocorre em muitos países muçulmanos. Nesta perspectiva, os muçulmanos russos, particularmente no Tartaristão, têm uma experiência única que é procurada não apenas na Europa, mas também em vários países islâmicos: a Turquia está interessada em novas ideias e está estudando ativamente a experiência do islamismo tártaro, treina especialistas em jadidismo, realiza conferências. Isso acontece porque o Islã tolerante e o entendimento mútuo entre o Islã e o Estado laico são as condições para a adesão à União Europeia. O caminho para alcançar esse entendimento é indicado pelo Jadidismo.

Chefe do Centro de Estudos Árabes, Instituto de Estudos Orientais, RAS V.V. Naumkin aponta a peculiaridade da comunidade islâmica, que consiste em sua organização mesmo na ausência de um centro unificado de liderança espiritual ou religiosa do país com a população muçulmana (NAUMKIN; MAKAROV, 2007). Fundada em 1969, a Organização da Conferência Islâmica (OIC) tem 57 países membros, incluindo dois europeus, dois países latino-americanos e seis países da CEI. Essa organização pode ser chamada de versão da ONU apenas para o mundo islâmico. Criou um amplo sistema de instituições associadas, incluindo o Banco Islâmico de Desenvolvimento (BID), bem como seus próprios análogos da UNESCO, o Comitê Olímpico, a Cruz Vermelha Internacional etc. A atividade dessas organizações aumentou claramente neste século. Nas mais de duas décadas de sua atividade, o BID forneceu quase US\$ 35 bilhões em empréstimos sem juros aos Estados membros da OIC. Em 1996, por sugestão do primeiro-ministro turco Erdogan, foi criado o G-8 do mundo islâmico. Incluiu Turquia, Irã, Arábia Saudita, Egito, Paquistão, Bangladesh, Malásia, Indonésia – em oposição ao G-8 existente de países desenvolvidos. Esta iniciativa ainda não foi finalizada. Ao mesmo tempo, a entrada da Rússia na OIC como observadora, e depois em várias de suas organizações industriais, foi um sério avanço na política externa para a diplomacia russa (NAUMKIN; MAKAROV, 2007).

Pesquisadores do Islã afirmam que durante a década de 1990, nas regiões muçulmanas da Rússia, houve um processo de politização e radicalização (jihadização) do Islã (NAUMKIN, 2006; MAKAROV, 2004). Segundo os pesquisadores, um papel importante nisso foi desempenhado pelo desejo ativo de movimentos e organizações islâmicas estrangeiras, incluindo aqueles associados a governos, de ganhar uma posição ideológica e política no espaço russo; a incapacidade do Islã russo tradicional de satisfazer o interesse despertado, especialmente da geração mais jovem de muçulmanos russos, pelo Islã, não apenas como credo, mas também como ideologia. Além disso, o impacto foi exercido pela falta de regulação estatal adequada da situação na esfera religiosa, associada tanto a uma diminuição geral da capacidade jurídica do Estado durante o difícil período de transição da década de 1990 quanto a uma subestimação das possíveis consequências do descontrole expansão dos movimentos islâmicos estrangeiros (NAUMKIN; MAKAROV, 2007). Os analistas também observam que a persistência do fenômeno do terrorismo jihadista no norte do Cáucaso é também porque se tornou uma ferramenta integral para resolver conflitos políticos e econômicos entre clãs políticos rivais, eliminando concorrentes e manipulando o centro federal. Ao mesmo tempo, o islamismo é multifacetado; nele estão presentes alas moderadas, radicais e extremistas. No interior, convivem igualmente com várias tendências: os extremistas buscam uma carreira política legítima; moderado, pronto para métodos de combate duros (MALASHENKO, 2007; MALASHENKO, 2001).

Na mesma organização islâmica, pode haver unidades usando métodos de trabalho pacíficos e legais e estruturas conspiratórias recorrendo ao terror. Por exemplo, os grupos terroristas radicais egípcios Al-Gamaa al-Islamiyah e Al-Gihad são unidades estruturais da principal organização dos islâmicos do Egito - a Associação dos Irmãos Muçulmanos. Portanto, os movimentos islâmicos podem facilmente passar de métodos legais para ilegais, de métodos de luta pacíficos para armados. Os radicais islâmicos muitas vezes mantêm contatos estreitos com as estruturas criminosas locais, com os negócios criminosos internacionais (contrabando de armas e drogas, migração ilegal etc.) (DONTSOV, 1997).

No entanto, o projeto jihadista não é capaz, no presente, nem no futuro, de se tornar um fator unificador e estabilizador para nenhuma parte significativa da população da região do norte do Cáucaso, onde a etnia e o clã continuam sendo os determinantes mais importantes do comportamento político. O fator do islamismo radical por si só não pode minar a estabilidade dos atuais regimes políticos na região. No entanto, em caso de agravamento crítico e/ou sobreposição de contradições sociais, econômicas e etnopolíticas, o fator islâmico pode desempenhar o papel da própria gota que transbordará a taça da atual frágil estabilidade.

Deve-se notar que há um grande número de publicações dedicadas aos problemas da existência do Islã no espaço político moderno, seu impacto no estado e na sociedade. Os estudos sobre o papel político do Islã são muitas vezes politicamente tendenciosos. A visão particular dos estudiosos ocidentais sobre esta questão é levantada pela influência do Islã nos estados ocidentais, sua interação com a sociedade civil e o posicionamento do Islã na arena internacional diante das tentativas agressivas de formar um mundo unipolar. Quase todos eles são escritos de forma acusatória e negativamente inclinados ao Islã, que, na opinião deles, é culpado de muitos problemas da comunidade internacional (BENIGSEN, 1995; HUNTINGTON, 2003; BRZEZINSKI, 2010).

Outros autores em extenso material factual mostram que os problemas atuais estão associados não tanto ao Islã quanto à geopolítica de muitos estados, sugerindo que atos terroristas deveriam ser separados do termo “islâmico” (DZHABRAILOV, 2004; KEPEL, 2004; USTINOV, 2002; SUKIYAINEN, 2003). V. Dontsov escreveu de forma justa:

Apesar da perceptível islamização da sociedade na maioria dos estados muçulmanos e sua política externa, dificilmente é possível concordar com a tradição emergente, que aparece entre alguns autores de publicações tanto aqui quanto no exterior, qualquer ação de política externa de um muçulmano qualificar o estado como islâmico, como manifestação do "fator islâmico" nos assuntos internacionais. Ao mesmo tempo, poucas pessoas se preocupam com a resposta à questão de até que ponto a política externa de um estado muçulmano, bem como as atividades de qualquer organização intergovernamental internacional no mundo muçulmano, são motivadas precisamente por considerações religiosas, e não por fatores geoestratégicos, etnopolíticos, históricos e outros que nada têm a ver com o Islã (DONTSOV, 1997, tradução nossa).

O conceito islâmico de ordem mundial procede da divisibilidade da população mundial em dois grupos: a comunidade muçulmana - a *Ummah* e todas as outras pessoas. A política internacional do islamismo é baseada na classificação de todos os países em três grupos: “*Dar al-Islam*” (o mundo do Islã) - países com uma forma de governo islâmica. Proteger esses países (o mundo do Islã) é o dever sagrado de todo muçulmano. “*Dar al-harb*” (mundo da guerra) - isso inclui estados que declararam guerra aos muçulmanos, bem como aqueles estados de onde pode vir uma ameaça à paz do Islã. “*Dar al-sulh*” (tratado de paz) - estados em que o poder está nas mãos de governantes hostis, porém reconciliados. Ao mesmo tempo, a pré-condição para relações pacíficas entre os mundos muçulmano e não muçulmano é o reconhecimento por este último do monoteísmo. O Islã reconhece a existência da comunidade internacional e é atuante nessa comunidade, uma vez que a difusão do Islã é um dever religioso e obrigação do Estado Islâmico (DONTSOV, 1997).

Síntese

Tanto na ciência política local quanto na estrangeira existem diferentes pontos de vista sobre o fenômeno do fundamentalismo islâmico. De acordo com uma visão, os processos de “politização do Islã” são considerados na perspectiva do renascimento do Islã. Note-se que o fundamentalismo islâmico moderno é um fenômeno natural que está surgindo como resultado desse renascimento e reflete o desejo dos muçulmanos de valores islâmicos “verdadeiros” contra o pano de fundo dos processos de globalização.

Outros pesquisadores observam que a ativação de movimentos islâmicos é apoiada pelos interesses socioeconômicos de vários grupos políticos que utilizam a posição desigual dos países muçulmanos nas relações internacionais e os problemas sociais e econômicos agudos não resolvidos como fatores de transição para a posição de extremismo político. O investimento do protesto social em uma forma religiosa, característica dos regimes autoritários do mundo muçulmano, na ausência de instituições democráticas realmente funcionais, fez do islamismo a única oposição (MALASHENKO, 2007).

Outra abordagem implementa uma análise dos interesses geopolíticos de diferentes países. De acordo com essa abordagem, existem certas forças políticas por trás de vários movimentos extremistas que as usam para resolver seus próprios problemas. O extremismo, neste contexto, é considerado apenas como um instrumento para perseguir a política de cada Estado (ocidental e muçulmano), visando dominar as regiões que são vitais para eles e estabelecer o controle sobre rotas comerciais e de transporte, recursos energéticos e minerais.

Uma ideia interessante são as fortes nuances étnicas do Islã. Por exemplo, de acordo com o famoso arabista russo e estudioso islâmico Robert Land,

... uma das razões para o fracasso dos fundamentalistas em todo o espaço pós-soviético será o nacionalismo e o regionalismo. Na verdade, eles são muito semelhantes e às vezes aparecem até simultaneamente. É impossível estabelecer a solidariedade de todos os muçulmanos da CEI, ou mesmo fundamentalistas islâmicos em uma situação em que prevalecem sentimentos puramente nacionalistas em quase todas as repúblicas muçulmanas da antiga União, e dentro de algumas delas o regionalismo é mais forte que o nacionalismo (LANDA, 1995, tradução nossa).

Conclusão

Neste artigo, não pretendemos mostrar todos os aspectos da relação entre o Islã e a política. É importante mostrar que o Islã, como religião pública nas relações internacionais e na política local, pode ser tanto uma poderosa ferramenta ideológica quanto uma arma perigosa.

Ao delegar uma bênção divina a uma pessoa, o Islã aos olhos de um crente é a única e inegável verdadeira medida de suas ações, o que determina a tentação de usar o Islã para fins políticos, dando origem, por sua vez, ao fenômeno do Islã político. Para os sociólogos, interessa a linha entre a “ferramenta islâmica” e a “arma islâmica”, o mecanismo dessa transição de um estado para outro, cuja base é o problema da desigualdade social. O “Islã radical” sempre será exigido onde o estabelecimento de uma “ordem islâmica” é necessária, que é identificada pelos muçulmanos com a justiça social, a igualdade de todos perante a lei e a igualdade nacional.

AGRADECIMENTOS: O trabalho é realizado de acordo com o Programa do Governo Russo de Crescimento Competitivo da Universidade Federal de Kazan.

REFERÊNCIAS

- ADDI, L. Islamicist Utopia and Democracy. *Annals. Journal of the American Academy of Political and Social*, v. 524, p. 120-130, 1992.
- ARKOUN, CF. **M. L'Islam, morale et politique**. Paris: Desclee de Brouwer-UNESCO, 1986. 207 p.
- BENIGSEN, A. Muslims in the USSR. **Russia and Tatarstan: problems of asymmetric relations**, v. 2, p. 80-91, 1995.
- BRZEZINSKI, Z. **The Great Chessboard**. *International Relations*, 2010. p. 256.
- DONTSOV, V. E. Islam in international relations. *Diplomatic Yearbook. Scientific book*, p. 62-89, 1997.
- DUMONT, L. **Essais sur l'individualisme**. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne. Paris: Le Seuil, 1983. 272 p.
- DZHABRAILOV, T. Time to know the truth. **Russian Federation today**, v. 21, 2004.
- ELLE, K. **Concluding Remarks**. Islam, Nationalism, and Radicalism in Egypt and the Sudan. New York: Praeger, 1983.
- EREMEEV, D. Philosophical aspects of Muslim thinking. **Asia and Africa today**, v. 5, p. 42-44, 1991.
- HUNTINGTON, S. **The Clash of Civilizations**. ACT, 2003. p. 603.
- ISHMUKHAMETOV, Z. A. **The social role and evolution of Islam in Tatarstan**. Kazan, 1979.
- KEPEL, J. **Jihad. The expansion and decline of Islamism**. Ladimir, 2004.

LANDA, R. G. Islam in the history of Russia. **East Literature of the Russian Academy of Sciences**, 1995.

LEWIS, B. Islam: what went wrong? **Russia in the global guarantee**, v. 1, n. 1, p. 94-101, 2003.

MAKAROV, D. V. The radicalization of Islam in Dagestan: the possibilities and limits of jihadism. **Social sciences and modernity**, v. 6, p. 147-161, 2004.

MALASHENKO, A. V. Islam in the foreign policy of Russia. **Islam in the modern world: domestic and international political aspects**, v. 7, p. 28-32, 2007.

MALASHENKO, A. V. **Islamic landmarks of the North Caucasus**. Gandalf, 2001.

MUHAMETZYANOV R. R.; USMANOVA I. R. The Problem of Destiny In Ancient Chinese Philosophy. **Revista Publicando**, v. 16, n. 1, p. 617-622, 2018.

NAUMKIN, V. V. Islamic radicalism in the mirror of new concepts and approaches. **Russia and Muslim man's world**, v. 7, p. 182-214, 2006.

NAUMKIN, V.V.; MAKAROV, D.V. The Islamic factor in world politics and the interests of Russia. **Russian Strategy**, v. 7, p. 53-66. 2007.

SCHAMILOGLU, U. **The formation of the historical consciousness of the Tatars: Shigabuddin Mardzhani and the image of the Golden Horde**. Tatarstan, 1991. v. 10, p. 21-29.

SUKIYAINEN, L. The war on terror: Islam against Islamic extremism. **Asia and Africa today**, v. 2, p. 8-14, 2003.

USTINOV, V. V. **Accused of terrorism**. OLMA-PRESS, 2002.

Como referenciar este artigo

MAVLYAUTDINOV, I. S.; GLUSHKOVA, S. Y. Islão, política, educação e modernidade. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. esp. 6, p. 3448-3458, dez. 2021. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v25iesp.6.16098>

Submetido em: 12/04/2021

Revisões requeridas em: 27/08/2021

Aprovado em: 26/11/2021

Publicado em: 30/12/2021

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

